# Editorial

## Ações realizadas pela Acala

Durante participação da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) na V Bienal Internacional do Livro, ocorrida em outubro de 2011, no Centro de Convenções Ruth Cardoso, em Maceió, houve o lançamento coletivo de três obras de acadêmicos. Na Bienal, livros dos imortais arapiraquenses foram expostos no estande das Academias de Letras do Estado de Alagoas, com o apoio integral da Prefeitura Municipal de Arapiraca. A programação ainda incluiu palestra do acadêmico Carlindo de Lira Pereira na sala Lêdo Ivo, apresentação dos pontos de lazer e difusão da cultura de Arapiraca, bate-papo dos escritores da ACALA com crianças na Arapiraquinha, insta-lada no estande da Prefeitura Municipal de Arapiraca, distribuição de poemas populares e eruditos dos escritores da ACALA, visita do Presidente Cláudio Olímpio dos Santos à oficina do Livro de Pano.

No último ano, A ACALA participou da VII feira literária da Escola Santa Clara de Assis, em novembro de 2011, com exposição dos livros dos membros da ACALA e bate-papo dos escritores com alunos da Escola acima citada.

ACALA também esteve presente na semana literária da Escola Manoel André, ocorrida entre os dias 26 de novembro a 03 de dezembro de 2011, com palestras dos acadêmicos e bate-papo com alunos da referida Escola.

Na Assembléia conjunta das Academias de Letras, promovida na Chácara Paulo de Tarso, pelos acadêmicos Judá e Almira Fernandes, no dia 26 de novembro de 2011, com a participação da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES), Academia Alagoana de Letras e Artes dos Magistrados (ALAMAGES), Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (APLALCA), a da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) que deu posse a dois novos sócios, sendo um benemérito e outro correspondente. A ACALA esteve presente na V Literate da Escola Pontes de Miranda, com doação de livros dos acadêmicos para o acervo da Biblioteca da referida Escola, visita dos imortais aos estandes e distribuição de autógrafos aos estudantes. O evento foi realizado no dia 03 de dezembro de 2011.

**Conquistas** – A Prefeitura Municipal de Arapiraca, através do prefeito Luciano Barbosa, cedeu uma funcionária para os serviços gerais na sede da ACALA. A prefeitura também firmou convênio de cooperação financeira para manutenção da Academia.

**Futuro** – Para o segundo sementres de 2012 a Acala pretende continuar os trabalhos para interagir com a comunidade estudantil de Arapiraca. O projeto de Auxílio Cultural aos Estudantes será colocado em prática, mais uma vez, até o final deste ano, assim como, o projeto: ACALA desenvolvendo Responsabilidade Sócio Cultural em Arapiraca.

## Expediente

Informativo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes ACALA

Rua Eng. Gordilho de Castro, s/nº
Centro - Arapiraca - AL
Tel.: (82)3522.2802
www.acala.org.br
E-mail: contato@acala.org.br

PRESIDENTE: CLÁUDIO OLÍMPIO DOS SANTOS

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Tony Medeiros
Mtb-AL 705

IMPRESSÃO: Center Graf

DIAGRAMAÇÃO: Gilvan de Melo

DIRETORIA:
Presidente: Cláudio Olímpio dos Santos
1° Vice-presidente: Judá F. de Lima
2° Vice-presidente: Lucicleide da Silva
1° Secretário: Domingos da F. Sobrinho
2° Secretário: Antônio C. da Conceição
1° Tesoureiro: Cárlisson Borges T. Galdino
2° Tesoureiro: Manoel Tenorio Sobrinho
Bibliotecária: Erady Morais Senna

SÓCIOS BENEMÉRITOS:
Marcelo G. Carnaúba, Almira G. Fernandes, Ana Paula F. Barbosa, Maria Wilma N. de Lima, José Júlio de A. Filho, Jorge Correia, Rita de Cássia S. B. Nunes, Gizelda Melo das Neves, Lenildo Amorim da Silva, Iêda Maria B. Fernandes, Givaldo Izsdoro da Silva.

SÓCIO BENEMÉRITO (IN MEMORIAM):
José Pereira Mendes

SÓCIOS CORRESPONDENTES:
Alan Carlos. M. da Silva, Alberto Rostand Lanverly

SÓCIOS CORRESPONDENTES IN MEMORIAM:
Otávio Maia da Costa

SÓCIOS HONORÁRIOS:
João do N. Silva, Célia Rocha, José Moacir Teófilo, Antônio Arnaldo Camelo, Ricardo A. Teófilo, José Medeiros, Laurentino Veiga, Jucá Santos, Luciano Barbosa, Romeu Loureiro, Maria Cleonice B. de Almeida, José Guedes Filho, Ivana Carla Amorim, Márcia Magalhães, Maria Petrúcia Camelo, Manoel de Oliveira Barbosa, Cícera Pinheiro e Isvânia Marques.

SÓCIOS EFETIVOS:
Manoel André de Melo, Cláudio Olímpio dos Santos, Dionísio Barbosa Leite, Carlindo de L. Pereira, José Ventura Filho,
Rosendo. C. de Macêdo, Manoel Tenório Sobrinho, Antônio Machado, Emanoel Fay da M. Fonseca, Zezito Guedes, Ronaldo de Oliveira, Judá F. de Lima, Simone B. S. Dantas, Erady M. Senna, Maria Madalena B. de Menezes, Roberto Gonçalves da Silva, Lucicleide da Silva, Inez Amorim da Silva, Domingos da Fonseca Sobrinho, Maria Francisca O. Santos, Cárlisson Borges T. Galdino, Renilson P. dos Santos, Tony C. Medeiros, Égide Jane de Amorim, Antônio Carlos da Conceição, Cícero Galdino dos Santos.

SÓCIOS EFETIVOS IN MEMORIAM:
Erani Otacílio Mero, Darel de Araújo, Maria das Neves Borges, Ubiranice Cruz da Hora, Roberto Lúcio Barbosa, João Gomes de Oliveira, Solon Barroso Barreto.


3521-2387
3522-1918

Rua São Francisco, 458
Centro - Arapiraca/AL

NÚCLEO DE PREVENÇÃO E DIAGNÓSTICO DO CÂNCER

(82) 3521-4820

Rua Fernandes Lima, 320
Centro - Arapiraca - AL

Tel.: (82) 3522-3415
Rua Fernandes Lima, 558 – Centro – Arapiraca – AL

# ACALA COMPLETA 25 ANOS

Almira Gouveia Alves Fernandes
Sócia Benemérita da ACALA

Em 14 de junho de 1987 foi criada, na cidade de Arapiraca, a Academia Arapiraquense de Filosofia, Ciências e Letras.

Um grupo de idealistas, sonhava, já há algum tempo, com essa Academia, e deve-se a esses intelectuais o surgimento de tão importante instituição para a nossa cidade. Desse grupo, alguns já pertenciam a uma entidade esotérica, e assim, já havia um importante elo de ligação entre eles. Interessante é mencionar que, dado a precariedade de nomes para a formação do primeiro quadro de sócios, foram convidadas pessoas de outras cidades próximas, completando então 24 acadêmicos, os quais tomaram posse oficialmente no dia citado.

Imbuídos do mais firme propósito de divulgar as letras, havia entre eles, um acadêmico que se dedicava à filosofia e um cientista e pesquisador. Daí a Academia intitular-se também de Filosofia e Ciências. Os patronos foram escolhidos entre nomes de arapiraquenses ilustres, sendo selecionados outros nomes de destaque nas letras e nas artes, nascidos em outros municípios alagoanos.

O movimento literário, muito bem recebido na cidade, apesar de algumas insatisfações, pois isto sempre acontece, teve como seu primeiro presidente o Prof. Oliveiros Nunes Barbosa e como vice-presidente o Major Darcy, um ilustre e competente santanense.

Houve um período de euforia e produtividade, chegando-se até a lançar um livro intitulado Canteiro de Poesias contendo escritos dos diversos acadêmicos. Os que fundaram a primeira Academia de Letras de Arapiraca já tinham livros escritos, publicados ou não, mas não pertenciam a nenhuma outra entidade literária e, deve-se a eles, o pioneirismo de criar um sodalício na Terra de Manoel André, sendo pois os primeiros imortais do município.

Com o passar do tempo e o falecimento de quatro sócios fundadores, bem como com a mudança e eleições de novas diretorias, a Academia, iniciada com entusiasmo e vibração, foi se tornando inoperante e esquecida, o que é costumeiro em muitos agrupamentos sociais e até mesmo considerado próprio da psicologia de grupos.

Mas a chama criada não se extinguiu e em 20-12-2000, estimulado por vários colegas acadêmicos, o Prof. Oliveiros, retomando a presidência da instituição, injetava sangue novo, dando posse a quatro novos sócios efetivos, os quais ocuparam cadeiras vazias com o falecimento de quatro saudosos fundadores.

Novamente o sodalício reergueu-se, passando então por modificações do estatuto, inclusive tendo o nome original mudado para Academia Arapiraquense de Letras e Artes- ACALA. Tudo isto foi realizada partindo de reuniões, debates e estudos, sempre com o firme propósito de permanecer o ideal de seus fundadores. Os novos rumos da Academia foram consagrados 14 anos depois de sua fundação, ou seja, no ano de 2001.

Agora a ACALA comemora 25 anos de fundação e pode-se dizer que continua atuante e altiva, servindo de estímulo literário, não só para o município, mas para toda a região, estendendo sua fama até cidades mais distantes, como Maceió, São Miguel dos Campos, Pilar e Penedo.

É notório o esforço que se tem empreendido, principalmente através das diretorias, para despertar o gosto pela literatura nas escolas, promovendo concursos literários, levando os acadêmicos às escolas públicas e particulares, bem como trazendo alunos e professores para tomarem conhecimento dos trabalhos acadêmicos.

Também, durante esse segundo período de atividade, a nova academia, ou melhor dizendo, a ACALA, tem tido o maior interesse de lançar e difundir não só livros novos de seus sócios, mas também de outros escritores.

Novos escritos e trabalhos literários são sempre apresentados nas reuniões ordinárias e palestras de ilustres convidados são feitas em reuniões extraordinárias. É bom citar também o estímulo que a ACALA empresta a grupos teatrais, corais, recitais de canto e poesia, além de mostras de artistas plásticas e escultores, inclusive trazendo para o seu quadro de sócios, não só pessoas ligadas às letras, mas às artes de um modo geral.

A ACALA, há 10 anos (14-06-2002), publica um informativo anual de suas realizações, em formato de revista, o qual é totalmente patrocinada por empresários abnegados. É um documentário importante e muito bem acolhido, sendo sempre ponto de comentário satisfatório não só em Arapiraca, mas em outros municípios, recebendo valorosos elogios de sodalícios, até de outros estados.

Lamentamos a saída de alguns veneráveis sócios fundadores que, por motivos diversos e pessoais, abandonaram as fileiras da ACALA mas, não se pode negar o quanto seria importante a permanência dos mesmos.

Hoje a ACALA conta com algumas das suas atuais 40 cadeiras vagas, o que também deveria ser preenchido, pois sempre é muito importante e benfazejo o ingresso de novos sócios, que traz esperança e força para todo e qualquer associação humana.

Outrossim, é lamentável a ausência de vários sócios que, talvez por falta de motivação, deixam de comparecer às reuniões ordinárias da ACALA. Reconhecemos o quanto é difícil manter-se uma alta frequência nesse tipo de organização e sabemos que esse mal assola também as grandes academias, até da capital. Porém, temos que registrar o interesse de alguns, que vindos de outras cidades, fazem todo o sacrifício para se fazerem presentes e participativos nas reuniões. Gostaríamos mesmo de citar o caso exemplar do acadêmico Antônio Carlos da Conceição, o qual, contando bem mais de 90 anos de idade, se desloca mensalmente de Aracaju para se fazer presente e atuante nas reuniões ordinárias da ACALA. É um exemplo de dedicação à causa acadêmica, que deve ser mostrado e aplaudido.

Não é fácil manter-se uma academia de letras em funcionamento, mesmo recebendo alguns incentivos, como é o caso da ACALA, que até foi contemplada com uma nova sede, cedida, por comodato, pela Prefeitura Municipal de Arapiraca. Outras benesses também têm sido concedidas pela municipalidade, como foi a participação efetiva da ACALA na V Bienal do Livro em 2011, em Maceió, o que, sem o apoio do prefeito Luciano Barbosa e sua equipe, não teria sido possível.

Sabemos que existem projetos e planos para uma maior atuação da ACALA e que a diretoria pretende fazer muito mais pelas letras, porém, os sonhos tornam-se inviáveis e impossíveis.

De qualquer modo está de parabéns a nossa ACALA e, nessa data, quando se comemora 25 anos de sua existência e assim engalana-se no seu Jubileu de Prata, vamos festejar com palmas e vivas, almejando sempre tempos melhores, mais interesse da população pelas letras e artes e mais estímulo para a realização de grandes feitos.

Parabéns especiais ao seu presidente atual, o Prof. Cláudio Olímpio, que vem a frente da ACALA há alguns anos, dando o melhor dos seus esforços para mantê-la atuante, e agora está tendo a oportunidade única de comandar as festividades de prata de tão importante entidade cultural.

Vamos tocando em frente, conclamando os sócios para mais dinamismo e atenção, a fim de que a ACALA, cada vez mais, mostre a pujança e a força das letras e das artes nessa terra abençoada e progressista de Manoel André.

# NOVOS ARES EM ARAPIRACA

Logo na entrada da cidade sinto como se respirasse outros ares. Fazer uma visita a Arapiraca foi uma ótima idéia para sair do mundo da tensão no trabalho. Eita terrinha boa, do meu querido ASA! Mas não sinto saudade só dos jogos do Alvinegro. Sinto falta das pessoas. Gente boa, cheia de disposição para o serviço, amigável.

Vou aproveitar e, numa caminhada, rever alguns locais depois de tantos anos longe daqui. Algumas coisas mudaram: asfalto, calçamento em várias ruas. Já joguei bola naquela rua, era de barro. Quando chovia havia lama pra deixar qualquer mãe enlouquecida. Aqui era o Aterro da Lagoa? Sério? Virou área de lazer. Vejo traços da cultura: Mercado de Artesanato Margarida Gonçalves. É, Arapiraca se desenvolveu. Repara no trânsito!! Realmente tenho ficado muito tem-po sentado no escritório. A caminhada me cansou. Vou à praça da Prefeitura. Ou melhor, vou a Praça Luis Pereira Lima, como preferia dizer minha professora Norminha. Minha nossa, quanta diferença.

Esfrego meu olhos. Olho de novo. Puxa vida!! Mais valorização da cultura. Casa da Cultura bem equipada, tem até Museu Zezito Guedes e espaço teatral. Na praça dá até pra jogar xadrez com a bela visão dos canteiros com plantas. Opa, uma coisa que não poderia faltar: A banca do Argentino. Nem tenho dúvida. Vou sentar aqui e apreciar a paisagem. Só depois vou esticar até o Lago da Perucaba. Quem diria, o Açude do Governo virou ponto turístico. Agora vou tentar rever alguns amigos dos meus idos de adolescente.

Olha só quem vem ali.

- Professor Cláudio Olímpio!! Como vai?

- André, quanto tempo!! Disse o professor abrindo um sorriso.

- Verdade, professor. Minha irmã comentou que o senhor está na presidência da Acade-mia Arapiraquense de Letras e Artes. Que bom. Como estão as coisas?

- André, serei sincero. Há um sacrifício para manter viva a chama da Cultura. Mas a situação melhorou muito nos últimos tempos. A ACALA completa 25 anos e tem muitas conquistas. O prefeito Luciano Barbosa deu um suporte e valorizou as ações da Academia. Para você ter idéia, a ACALA agora tem sede própria, uma doação da prefei-tura.

Fica bem ali. Vamos lá para você conhecer.

Andamos alguns metros. O professor ia me falando que antes as reuniões aconteciam no auditório da Casa da Cultura.

- Aqui é ótimo. Comentou aquele homem de fala mansa que me ensinou a usar as teclas da máquina de datilografia.

Fomos à sala da presidência. Ele mostra o quanto tudo está limpo. – Graças a uma servidora cedida pela prefeitura para os serviços gerais. E tem muitos projetos que só saíram do papel por causa do convênio de cooperação financeira.

Percebi ainda mais entusiasmo.

- Tivemos apoio integral na participação da V Bienal Internacional do Livro, no Centro de Convenções em Maceió. O prefeito Luciano Barbosa abraçou com afeição a causa da Cultura em Arapiraca.

Eu ainda olhava os livros lançados pelos acadêmicos expostos na prateleira quando o professor Cláudio Olímpio fez a seguinte referencia ao prefeito Luciano Barbosa:

- Para mim, sábio não é aquele que proclama palavras de sabedoria, mas sim aquele que demonstra sabedoria em seus atos.

Nos cumprimentamos. Saí da sede própria da Acala, coloquei as mãos nos bolsos, olhei pra trás e percebi que os ares que a gente respira em Arapiraca não são apenas de desenvolvimento. Também respira-se Artes e Letras.

# FESTA DE EDITORAS

Sabe-se que a Bienal do Livro é considerada a maior festa da literatura. Representa um forte movimento de união entre autores, editores, distribuidores, livreiros, empresários que se reúnem para o sucesso da exposição do negócio editorial, além de ter a função de estreitar as relações entre público e literatura, atraindo todas as faixas etárias, utilizando como chamariz as programações de palestras, debates produtivos de intelectuais.

As Bienais são realizadas sob o patrocínio de órgãos governamentais, de particulares e do setor empresarial. No Es-tado de Alagoas, deu-se início, às Bienais do Livro no ano de 1998, sob a iniciativa e responsabilidade da Universidade Federal de Alagoas – UFAL por meio da EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas. órgão integrante da UFAL, que tem como objetivo editar e divulgar trabalhos e publicações de interesse científico. Para a realização das Bienais conta com a parceria de outras entidades, como ABEU, Associação Brasileira dos Editores Universitários, CBL - Câmara Brasileira do Livro, Prefeitura de Maceió, Governo do Estado de Alagoas e instituições públicas e priva-das.

Em 2011, deu-se o movimento para a V Bienal Internacional do Livro de Alagoas; em razão desse evento, despertou-me a idéia de levar as Academias de Letras do Estado de Alagoas a Bienal, como legítimas defensoras da literatura caeté. Iniciei um movimento de incentivo às Academias de Letras do Estado de Alagoas, para que, juntas, pudessem participar do evento expondo os trabalhos literários de seus integrantes, levando-as a movimentar-se de dentro para fora, apresentando o que realmente defendem na intelectualidade Alagoana.

E para por em prática a idéia dessa iniciativa, logo entrei em contato com quem de fato e de direito tem a coordenação da Bienal do livro no Estado de Alagoas, a atuante e competente professora Sheila Maluf, Diretora da Edufal por varias gestões. A ela, expus o meu projeto de conseguir um estande com o objetivo de levar as Academias de Letras do Estado de Alagoas a Bienal do Livro, sem onus para estas. Ao ouvir a minha proposta, ela não titubeou e, sem colocar nenhuma dificuldade, de imediato aceitou-a dizendo que iria me ceder 2 estandes, e, deixou-me à vontade para que eu levasse e conduzir-se a proposta às Academias, encorajando-me a aceitar o meu próprio desafio.

Primeiramente, entrei em contato com os presidentes das Academias de Letras do Estado de Alagoas e os convidei para a primeira reunião de exposição da proposta, que ocorreu no dia 12/07/2011, à tarde, no Café Palato; lá compareceram a Professora Sheila Maluf e 11 presidentes de Academias de Letras, do interior e da Capital de Alagoas. Esse primeiro contato, após a minha exposição de motivos, logo despertou o interesse e a aprovação de todos os presentes. Dando continuidade ao projeto, fiz a 2ª convocação aos Presidentes para uma segunda reunião, que ocorreu no dia 05/08/2011, à tarde, no auditório da Casa Jorge de Lima, gentilmente cedido pelo Dr. Carlos Méro, digno Presidente da Academia Alagoana de Letras. Nesse segundo encontro, foram entregue as programações a serem apresentadas por cada Academia, durante a Bienal. Posteriormente, reuni-as e as coloquei por ordem dos dias e horários individuais para cada Academia apresentar o seu programa no Estande das Academias de Letras do Estado de Alagoas. É bom frisar que numa extensão de intercâmbio cultural, convidei presidentes das Academias de Letras do Estado de Pernambuco, a participarem da Bienal. O Dr. Waldênio Porto, Presidente da Academia de Letras de Pernambuco, a Dra. Ana Maria César Presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, ALANE, e o Dr. Alexandre Santos, Presidente da UBE – PE, os quais compareceram, trazendo um ônibus com uma caravana de escritores.

A priori, quero, com o registro da síntese desse projeto, por mim idealizado e desenvolvido, expor não somente o imprescindível apoio da EDUFAl, mas naturalmente também, ressaltar a adesão das Academias de Letras do Estado, que com suas presenças maciças pela primeira vez em Alagoas participaram como legítimas defensoras da literatura caeté numa Bienal do Livro. A V Bienal Internacional do Livro de Alagoas, promovida pela EDUFAL, que ocorreu no período de 21 a 30 de outubro de 2011, no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, em Maceió.

Necessário se faz, ainda, o registro do apoio a esse projeto que foi concedido pelo Professor Edson Mario da Alcântara, Presidente da Academia de Letras Alagoana de Cultura, e do Vereador, por Maceió, Dr. Silvio Camelo, que auxiliaram nas despesas de pessoal e no aluguel do mobiliário do estande e do suporte da Academia Arapiraquense de Letras e Artes – ACALA, na pessoa do dinâmico presidente Claudio Olimpio dos Santos, do casal de acadêmicos Dr. Judá Fernandes de Lima e senhora, e do imprescindível apoio do Prefeito Dr. Luciano Barbosa.

Por meio de solicitação, Claudio Olimpio dos Santos, presidente da ACALA, adquiriu da prefeitura de Arapiraca, um transporte à disposição confeccionou camisetas com logomarcas da ACALA, cedeu tíquetes de alimentação, confecção de "banners", requisitou a funcionaria Sra. Marley de Araujo Ferro, dà Secretaria de Cultura, além do apoio relevante do Secretário Josivan Vital, dispondo o seu apartamento em Maceió.

As Academias de Letras do Estado de Alagoas numa recíproca relação de entendimentos e de bom grado se fizeram presentes a esse memorável evento cultural. Graças a esse congraçamento de esforços conjuntos, o objetivo proposto foi alcançado.

# EXPULSARAM DEUS

Dionísio Barbosa Leite
Membro da ACALA

Temos observado nos últimos tempos o aumento da violência em todos os níveis da sociedade brasileira: é violência doméstica, é violência nas ruas, no trânsito, na zona rural, nas escolas, contra mulheres, idosos e crianças... Parece que todos esqueceram lições de convivência e partiram para a selvageria total. E quais seriam as raízes de tudo isso? Até quando vamos pensar só nas consequências? A sensação que temos é de que não há mais conserto, que tudo está perdido.

Existem, sim, explicações para essa explosão de intolerância. O problema é que colocaram Deus para "escanteio" criaram "ídolos" que ocuparam o seu lugar.

Recordamos que na nossa infância os hábitos dos brasileiros eram bem diferentes: os casamentos eram celebrados na Igreja, ficando o civil como opção. Os casais ali abençoados assumiam o compromisso de viverem unidos "até que a morte os separasse" e de fato viviam, com raras exceções. Os filhos tinham respeito pelos pais, os chamavam de "senhor" e "senhora", não dormiam ser pedir-lhes a bênção e obedeciam às suas ordens, ainda que, às vezes, fossem equivocadas. Havia pouco desentendimento familiar. Nas casas, a decoração era feita de retratos e esculturas de santos (e até mesmo de pessoas religiosas ainda não santificadas), tendo um crucifixo no centro da sala. As famílias se reuniam para orar (rezar) em torno de um altarzi-nho simples.

Nas escolas havia alguns hábitos como o de rezar no início das aulas, perfilarem os alunos para entrar na sala, cantar o Hino Nacional em algumas da-tas (por ordem do regime militar vigente) e, entre as disciplinas, o ensino religioso era obrigatório. Nas "aulas de religião" se apren-dia a respeitar o próximo, lições de ética, de honestidade, de cidadania, os mandamentos da lei de Deus, etc.

Tudo isso mudou: o casamento civil passou a ser obrigatório, aprovou-se o divórcio (com o pretexto de dar liberdade às pessoas), os filhos perderam o respeito pelos pais e os chamam de "véio", "cara", "você", "coroa", etc.; não mais são abençoados por eles.

O número de denominações religiosas cresceu rapidamente e, os novos "missionários" passaram a visitar as famílias, mandando que as pessoas jogassem fora suas imagens de santo, porque elas eram proibidas por Deus. As fotografias de santos foram sumindo e no lugar delas veio a televisão, o computador, o videogame, etc.

Os mesmos religiosos que pregam a "idolatria" dos outros, vão aos presídios evangelizar os mais perigosos presos que lá se encontram e depois que estão "convertidos" esses mar-ginais adquirem atestados de bom comportamento e voltam à sociedade, sendo exibidos na Igreja que os converteu como grandes exemplos. Seriam eles ídolos ou não? O que eles fizeram no passado é totalmente apagado, pouco importando as famílias que destruíram ou as vidas que tiraram. Todas as vezes que um deles aparece dando entrevista na TV apresenta a Bíblia Sagrada como sua nova arma.

Nas escolas, outra grande mudança: as aulas de religião foram retiradas (com o pretexto de que a escola é espaço democrático e aquelas aulas estariam beneficiando determinada religião); em seu lugar entrou Filosofia. Em nossa opinião, foi uma atitude extremamente mesquinha de algumas autoridades religiosas que pediram para cortar essas aulas. Ora, na democracia a maioria deve ser respeitada e se em uma escola existir um grande número de pessoas de uma determinada crença, que os demais respeitem a liberdade dos outros, sem prejuízo para as minorias. Acreditamos que falar de Deus não pode trazer nenhum mal. A sua ausência é que dá lugar a outros seres.

Agora que nas escolas não há mais ensino religioso (para não ferir as outras religiões), o espaço ficou aberto para o tráfico de drogas, prostituição, violência de todos os lados. Os recentes casos de violência contra professores e colegas revelam que a escola está vulnerável a todo tipo de pessoa e não há nenhum esforço das autoridades para mudar esse quadro.

Por outro lado, a televisão e o rádio que deveriam servir à educação, à informação e ao lazer, exibem todo tipo de programa, pouco se importando com os efeitos maléficos que possam causar. O que importa é a audiência e a concorrência. Há boas exceções, é claro.

Para completar o estrago, as leis favorecem o crime: perigosos marginais são libertados facilmente quando cumprem uma parte da pena (isso quando conseguem prender e julgar alguém). Na hora de aplicar a lei, o que está em jogo não é mais a integridade do cidadão e de sua família, mas o jogo que os advogados fazem, as armadilhas que tramam para inocentar bandidos.

Ficamos imaginando o seguinte: se aquele sujeito (Wellington) que assassinou as inocentes criancinhas na escola municipal do Rio de Janeiro não tivesse se matado em seguida, seria preso, julgado e depois de algum tempo apareceria livre, dando entrevistas para a imprensa e, quem sabe até, pregando num púlpito qualquer.

Como podemos observar, fala-se muito de Deus, mas na hora de viver a verdadeira fé pregada por Jesus e pelos apóstolos, cada um fica "puxando a brasa para a sua sardinha", dizendo que os outros estão errados e tomando atitudes que não favorecem a paz e o entendimento entre os seres humanos. Foram expulsando Deus, abrindo caminho para o "maldito" e confundindo a cabeça das pessoas. O que acontecerá no

O Shopping da sua Construção!!!

# PROJETO ARBORIZAR

É perceptível, por qualquer ângulo ocular, a necessidade clemente que nosso planeta apresenta de trabalharmos a melhoria de nossa arborização. O desrespeito à natureza provoca o desflorestamento e os altos índices de poluição produzidos pelas indústrias, animais e veículos automotores em geral, que constituem um severo quadro degenerativo de nossa camada de ozônio, através da emissão de seus gases, trazendo como consequência o aquecimento global. Isso tem contribuído com o desequilíbrio das estações climáticas. Com esse filtro atmosférico prejudicado, tem aumentado consideravelmente as incidências neoplásicas na pele humana através de exposição aos raios solares. Contudo, não nos resta outra saída a não ser trabalharmos engajados numa atuação persistente e contínua de reflorestamento.

Sabendo porém que uma atitude que venha provocar convencimento e conscientização não é fácil, lanço a ideia daquele beija-flor, desprovido de preocupação do que os outros venham contribuir ou não, procura fazer a sua parte, ou seja, participar de maneira aparentemente insignificante, com as gotículas de água que levara em seu precioso bico, para ajudar a apagar o incêndio na floresta. Assim nasce a ideia do "Projeto Arborizar", que consiste não somente no plantio e adoção de uma árvore, mas num processo mais consistente e sustentável que é trabalhar a educação, conscientizando o pequenino sobrevivente a cuidar com amorosidade no cultivo e proteção de uma árvore, plantando-a e adotando-a.

Um ponto forte do projeto é despertar nos gestores públicos interesse para o colocarem em prática com participação das secretarias de Agricultura (onde as mudas deverão ser viabilizadas), do Meio Ambiente, da Assistência Social (onde, através dos CRAS poderão exercer uma forte parceria na conscientização e até na distribuição das mudas). Ao nascimento de um filho (a) ou até mesmo no conhecimento da concepção, que os pais decidam buscar uma muda de árvore frutífera ou não, e plantá-la no seu jardim ou quintal. À medida que essa plantinha vai crescendo, o almejado filhinho também.

O que poderá passar na cabeça da criança a partir da 1ª infância, quando seus pais lhe disserem que aquela plantinha tem a sua idade? Certamente, naquele ingênuo ser, será gerado um vínculo afetivo àquela árvore que surgiu na mesma época em que essa criança nasceu. É dessa forma que espero que o Projeto Arborizar venha sensibilizar e mais do que isso; educar, instruindo aos pequeninos e motivando-os no processo de arborização.

Em 21 de Setembro de 1976, teve início a 1ª campanha de arborização de Arapiraca. Durou uma semana. Contou com a participação de 30 universitários das áreas de Agronomia e Educação. Foi uma atuação de minha iniciativa, após sugerir ao saudoso Ivan Scala, então diretor do Projeto Rondon em Alago-as. Nessa operação distribuímos 5.000 mudas de diversas árvores: Espatódea, Algaroba, Sombreiro, Castaola, Flamboyant e Castanhola do Pará. Os estudantes de Agronomia plantaram 10% das mudas desse projeto em escolas e em algumas ruas, sendo a Expedicionários Brasileiros uma delas.

Considerando a importância da iniciativa, você está convidado (a) a participar também do "Projeto Arborizar", que conta com o apoio cultural da ACALA – Academia Arapiraquense de Letras e Artes e da Escola de Pais do Brasil Seccional Arapiraca, bem como deverá contar com a participação dos poderes legislativo e executivo da cidade que aderir ao projeto.

Participe! A natureza agradece e agradecerá!

### Plante e Adote uma Árvore

A natureza reclama sim sua ausência
Na falta que faz ao grande pulmão do mundo.
Precisa muito trabalhar a consciência
Para evitar que a poluição chegue ao fundo.

O ecossistema não suporta a consequência.
Enquanto se encontra alguma forma eficiente,
Vemos que o mundo reage com paciência.
Chegou a hora de alertamos a toda gente.

As poucas florestas não dão conta do ar puro,
A degradação polui o ar matando a vida
E devastador é esse assunto muito duro.

Plante uma árvore e não só plante mas adote.
Colabore nesse gesto que se convida,
Pra que os mais jovens, no futuro, tenham sorte!

Ciceno Galdino

# TRIBUTO A SOLON BARRETO

Solon Barroso Barreto
In memoriam

Ao recordar o saudoso amigo e confrade Solon Barroso Barreto, lembro-me das palavras que sempre tenho dito: amigo não se ganha, se constrói. O Solon com sua simplicidade, a maneira atenciosa e repleta de respeito com que tratava as pessoas, a demonstração de desvelo e amor que manifestava em prol daqueles que os rodeava, enfim, todo um conjunto de coisas boas suscitadas do seu âmago, o fez construir uma legião de amigos e, com muito orgulho, sou um deles. Tenho certeza que você Solon, está bem, quem aqui na terra construiu boas obras e viajou para junto do PAI, só poderá estar feliz. Nós, seus amigos e familiares estamos com saudades, mas, em particular, a minha vigorosa lembrança e sentimento pela sua ausência, me contenta e me deixa animado pela confiança do seu bem-estar jun-to a Deus.

Nas Assembleias da ACALA, costumo olhar para a cadeira de nº 01 que você ocupava como sócio fundador e, em silêncio, sentir uma ilimitada falta sua. Lembro-me de sua responsabilidade e dedicação para com a Academia, o quanto ficava animado ao ver a ACALA crescer, recordo-me que quando foi feito a alteração no nome da Academia e foi retirada a palavra "ciências", o cientista Solon Barreto não demonstrou em nenhum momento, qualquer descontentamento. O sábio e singelo Solon não se importava, se a palavra "ciências" no nome da ACALA, fazia referência ao grande cientista que ele era. A sua elevada capacidade e humildade não o condiziam às coisas do "alto", mas a sua essência, a designação genuína do seu jeito de ser que, humildemente, o levava ao píncaro de suas virtudes.

Assim foi o Solon Barreto, acadêmico dedicado, homem de caráter íntegro e conhecimento profundo das faculdades da alma, nobre de coração, cientista respeitado em nosso país, amigo autêntico, solícito pai e esposo. SAUDADES SOLON, SAUDADES, não nos faltam. Fique na paz de Deus.

**Cláudio Olímpio dos Santos**
**Presidente da ACALA**

# O AGORA

Simone Bastos
Membro da ACALA

Viver o agora intensamente é vivificar a própria vida. Nossa vida vem de Deus, procuremos vê-Lo em tudo e em todas as pessoas no nosso dia-a-dia.

Existem pessoas que vivem somente no passado, remoendo as amarguras vividas e outras a sonhar com o futuro, sem nada planejar. Ou seja, um pé no passado e outro no futuro. Cadê o presente? O presente é um presente de Deus que devemos agradecer constantemente; sendo um exercício diário.

O segredo do sucesso é viver o agora plenamente, o que tem para ser feito no momento. Não deixemos nada para depois em nossa vida, pois ela é preciosa demais para se deixar levar como as ondas do mar. Tomemos as rédeas dela!!

Com a mente positiva sempre, devemos encarar os diversos desafios que forem aparecendo; pois a força para superá-los vem de Deus; basta conectarmos com Ele em oração. Se colocarmos Deus em primeiro lugar em nossa vida, tudo com certeza dará certo; nada será impossível. "O certo não dá errado", diz um grande empresário de Arapiraca.

As adversidades que nos ocorrem são para que pensemos: para que? E não, por que aconteceu isso? Assim refletindo fica mais fácil vencê-las. A ótica diante às dificuldades é que deve ser mudada; portanto, usemos a sabedoria. Ela vem de Deus, é só orar para receber a orientação devida.

A crença que cada um tem não importa, o que vale é manter Deus em nossos atos e pensamentos diariamente. Vendo as coisas e fatos com um olhar mais brando do que como uma crítica pessimista. Quem realmente tem Deus em seu coração, jamais será uma pessoa negativa, que não acredita em seus sonhos ou que seja infeliz.

A decisão de viver o Agora plenamente é de cada um, é um modo de viver sempre olhando somente o lado iluminado de tudo. E esta será um elo para chegarmos ao nosso ideal, assim conseguiremos enxergar as oportunidades quando aparecerem. E para isso, não deixemos de expressar alegria em todos os momentos. Vamos treinar o nosso riso diante do espelho? Esta é uma bela dica, muito simples e que está ao alcance de todos.

"Sua vida só terá bênção, se nela houver um caminho para os outros. Sua vida só terá sentido se você servir de inspiração. Por isso, não falhe mais." (HARA, Ênio Maçaki & CAMARGO, Fábio Dummer: Nada éimpossível, Belo Horizonte. Editora Leitura, 2009.)

# O DESCONHECIDO

Carlos Conceição
Membro da ACALA

Arapiraca tem uma dívida enorme a resgatar para com a MEMÓRIA do Dr., José Fernandes de Barros Lima. Uma dívida bem do tamanho do seu brilho, na constelação dos Municípios Alagoanos. Do tamanho do respeito que sua gente merece pelo idealismo e dedicação ao trabalho, na construção do seu futuro.

Quem foi José Fernandes de Barros Lima? Fazendo-se uma pesquisa nas ruas de Arapiraca, é difícil imaginar, de antemão, se possível encontrar alguém que saiba responder quem foi José Fernandes de Barros Lima. A constatação dolorosa é de que, para muita gente, trata-se de pessoa absolutamente desconhecida.

Procurando-se saber quem foi Zumbi, é bem provável que muita gente saiba quem foi. Ainda que tal personagem não tenha tido, em algum momento, qualquer ligação com Arapiraca.

Se a pesquisa procurar saber quem foi a Princesa Isabel, acontecerá uma goleada! Todo mundo sabe. E, assim acontecerá com muitas outras perguntas, sobre alguém que nunca passou por Arapiraca.

Mas, por que Arapiraca não sabe quem foi José Fernandes de Barros Lima? Perguntando-se a qualquer pessoa na rua, em que data ocorreu a Emancipação de Arapiraca, a resposta está pronta: 30 de outubro!

Eis aí, porque ninguém sabe quem foi José Fernandes de Barros Lima. O nome de José Fernandes de Barros Lima está ligado diretamente à verdadeira data da Emancipação de Arapiraca. E a data que se conhece, não é, nem de Direito, nem de fato, a data em que Arapiraca libertou-se do domínio de Limoeiro de Anadia.

JOSÉ FERNANDES DE BARROS LIMA FOI O PRESIDENTE DO ESTADO DE ALAGOAS QUE DECRETOU A MAIORIDADE DE ARAPIRACA, SANCIONANDO A LEI 1109, QUE CRIOU O MUNICÍPIO, desmembrando seu território do município de Limoeiro. NO DIA 30 DE MAIO, DE 1924. – 30 DE MAIO, DE 1924 !!

Explica-se, então, porque o povo de Arapiraca não sabe quem foi JOSÉ FERNANDES DE BARROS LIMA. Vulto do maior destaque na consumação do Ato Libertário, objeto da luta incansável de Esperidião Rodrigues. Se a verdadeira data da Emancipação fosse afixada, com o destaque devido, na HISTÓRIA, certamente, o nome de José Fernandes de Barros Lima estaria gravado na alma do povo. Porque A CRIATURA PERMANECE LIGADA, PARA SEMPRE, AO SEU CRIADOR. Ao se pensar na libertação, logo vem à memória o nome do Libertador. Bem como, falando-se no Libertador, ressalta o motivo do cognome. Porque são coisas inseparáveis. UM NÃO EXISTE SEM O OUTRO.

Talvez tenha ocorrido, ignorar-se a data real da Emancipação, o que preferimos classificar de descuido, e um descuido profundamente lamentável, por causa da transição política que o Estado vivia, naquele momento. O Presidente, a quem coube sancionar a lei 1109, Emancipando Arapiraca, estava em final de mandato. O seu sucessor eleito em março, já se preparava para tomar posse em 12 de junho. 12 Dias, portanto, depois da lei sancionada. Entretanto, fato importante e significativo, que chama à atenção, é que, o ACORDO PARA QUE O POVO ESPERASSE OUTUBRO PARA COMEMORAR, foi feito com o sucessor – Dr. Pedro da Costa Rego, que, inclusive, esteve presente às comemorações, no dia 30 de outubro.

Este Evento, simplesmente, OFUSCOU O PAPEL DO LIBERTADOR, NO ATO DA LIBERTAÇÃO. E, consequentemente, apagou a imagem de JOSÉ FERNANDES DE BARROS LIMA. É a tal história: Atirei no que vi, matei o que não vi. Um planta, outro colhe. Esta distorção – a bem da verdade, da incontestabilidade dos fatos, e, para honrar, fazendo justiça, a memória daqueles que participaram da nossa História, com indiscutíveis méritos – precisa, e deve ser corrigida, sem delongas!

ACORDA, ARAPIRACA!!! NA GALERIA DOS VULTOS ILUSTRES DA TUA HISTÓRIA ESTÁ FALTANDO ALGUÉM! FALTA AQUELE QUE TE DEU A MÃO, PARA SUBIRES À PASSARELA! FALTA O LIBERTADOR !!!

A Sociedade de Arapiraca, na voz dos seus legítimos representantes, precisa sair a campo, para discutir este assunto. Que, até discorde do ponto de vista exposto. Mas, discuta-o!

# OFÍCIO À PETRÚCIA CAMELO

Arapiraca-AL, 8 de novembro de 2011

Prezada amiga e confreira Petrúcia Camelo.

O seu entusiasmo em promover a cultura alagoana na V BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO conseguindo um estande para as Academias de Letras do nosso Estado, deixa transparecer a sua dedicação e amor pela cultura alagoana, assim como o seu interesse enérgico em constituir a unificação e o incremento das entidades culturais que, com imensurável sacrifício, vêm garantindo a sustentabilidade da cultura de um povo que necessita de lapidação harmoniosa e consciente para compreender essa realidade e fazer convergir para um só fim, a importância da cultura para seu próprio crescimento intelectual e espiritual.

Você, amiga Petrúcia Camelo, aguerrida mulher alagoana que muito nos orgulha, não precisa nos prestar agradecimentos como os fez. Nós, Presidentes e demais membros das Academias de Letras do Estado de Alagoas, assim como outras instituições ligadas a cultura que, também, foram beneficiadas é que temos que agradecê-la pela relevante e virtuosa atitude. Em nome de todos que fazem a ACALA – Academia Arapiraquense de Letras e Artes – presto-lhe o nosso terno agradecimento.

Diz uma linda lenda árabe que dois amigos viajavam pelo deserto e em um determinado ponto da viagem, discutiram. O amigo ofendido, sem nada a dizer, escreveu na areia: HOJE, MEU MELHOR AMIGO ME BATEU NO ROSTO. Seguiram e chegaram a um oásis onde resolveram banhar-se. O que havia sido esbofeteado começou a afogar-se, sendo salvo pelo amigo. Ao recuperar-se, pegou um estilete e escreveu numa pedra: HOJE, MEU MELHOR AMIGO SALVOU-ME A VIDA. Intrigado, o amigo perguntou: "por que depois que ti bati, você escreveu na areia e agora que ti salvei, escreveu na pedra?" Sorrindo, o outro amigo respondeu: "Quando um grande amigo nos ofende, devemos escrever na areia onde o vento do esquecimento e do perdão se encarregam de apagar. Porém, quando nos faz algo grandioso, devemos gravar na pedra da memória e do coração; onde vento nenhum do mundo poderá apagar."

Que belo exemplo amiga Petrúcia Camelo, se por acaso alguém não a agradecer pelo bem que recebeu, faça como o amigo ofendido, escreva na areia; porém, jamais esqueça que nós da ACALA, escrevemos na pedra da memória e do coração, o bem que carinhosamente nos outorgaste!

Receba nosso fraterno abraço.

Cláudio Olímpio dos Santos
Presidente da ACALA – Academia Arapiraquense de Letras e Artes

# CIDADÃO DE FORMAÇÃO NEOLIBERAL

O senador Cristovam Buarque que se candidatou a Presidente da República Federativa do Brasil com o slogan 'Educação' como proposta de sua candidatura, tem recentemente lançado uma campanha nacional intitulada "O EDUCACIONISTA", em versão escrita, jornal, e na versão on-line com site e blog.

Nesses veículos de comunicação os textos são de uma clareza e precisão cirúrgica ao apontar o real problema da educação brasileira e ao esclarecer sobre qual o caminho adequado e único para sua solução.

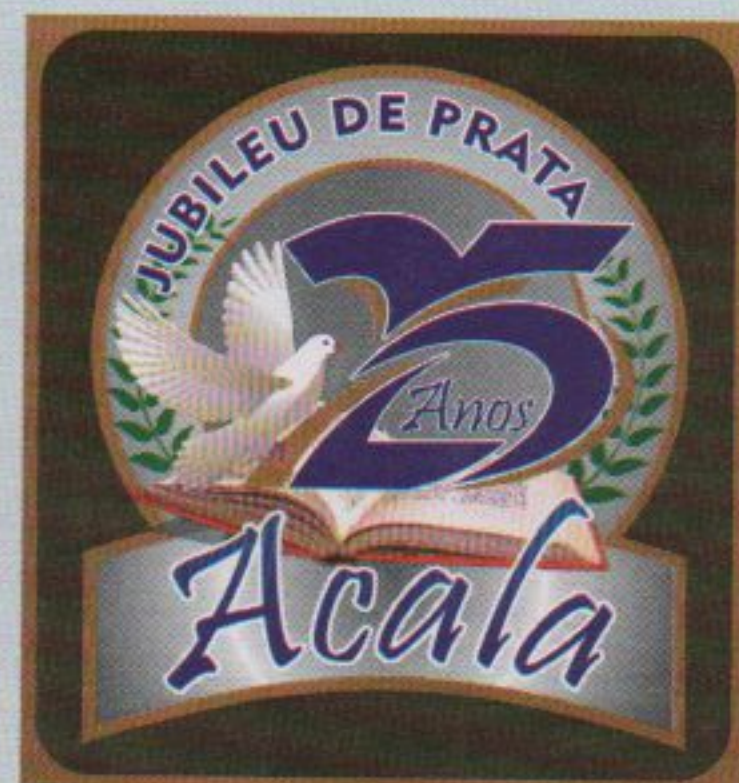
O problema: a elite política brasileira ao longo da construção da história do Brasil fez uma opção óbvia, evidente pelo investimento na produção de bens inicialmente manufaturados, posteriormente mecanizados e por fim industrializados, mesmo sendo importados. Dando continuidade a exploração das riquezas minerais e naturais do nosso país, iniciada pelo colonizador, Portugal, os neo-governantes da "Independência" brasileira não mediram esforços para transformar o Brasil numa potência econômica, em benefício dos poucos brasileiros da classe dominante, mas inegavelmente uma potência econômica mundial, construída em sã consciência, porém, a custa inicialmente de trabalho escravo e, posteriormente, da mais valia, ou seja da exploração da mão de obra assalariada, que parafraseando Karl Marx produz o lucro ao patrão.

Nesse modelo de desenvolvimento econômico, a instituição financeira estatal criada por Dom João VI, o Banco do Brasil, foi fortalecida por políticas de cunho liberal e neoliberal kanesiana, sendo, portanto, estabelecido um padrão nacional, que deveria ser seguido e ofertado, nesse nível, em todos os Estados da federação e, posteriormente, nos municípios que apresentassem melhor desempenho econômico, que justificasse financeiramente a presença de uma agência bancária. Hoje, período pós-redemocratização, é possível a todo brasileiro, que habite em qualquer dos vinte e sete Estados, ter acesso a caixas eletrônicos, fazer operações bancárias de saques, depósitos, transferências, empréstimos, pagamentos, entre outras, não importando se este cidadão ou cidadã esteja na capital federal ou num dos 5.564 municípios (que se enquadrem no sistema financeiro) do Brasil, usam todos, o mesmo serviço, com a mesma qualidade.

A solução: argumenta o Senador Cristovam Buarque, se a elite brasileira tivesse optado também pelo desenvolvimento educacional, investindo na estrutura física e humana do sistema educacional brasileiro como o fez com o sistema econômico, hoje teríamos igualmente nos vinte e sete estados da federação escolas com o mesmo padrão de infra-estrutura e funcionalidade e, consequentemente, em cada um dos 5.564 municípios; não importando se uma criança tivesse nascido na capital federal ou numa cidade de pouca relevância política e econômica, ela usaria o mesmo Padrão de Serviço Escolar com Qualidade Financiada pelo Governo Federal. Mas, no Brasil uma criança nasce e cresce municipalista, não é brasileiro, (no sentido de não receber do governo federal a mesma igualdade de condições escolar), como acontece quando uma criança de qualquer município vai a uma agência bancária do Banco do Brasil acompanhada por seus pais, que usa o mesmo recurso eletrônico do sistema bancário de uma capital brasileira.

O sistema escolar brasileiro foi dividido em politicamente em três segmentos de responsabilidade de política pública: a escola municipal, a estadual e a federal. Fica evidente a disparidade de condições de investimento público. Como cada um de nós nasce num município, vamos ter a infraestrutura e o serviço escolar de acordo com as possibilidades de investimento daquele município. Por exemplo, se uma criança nasce no município de São Paulo, maior metrópole da América latina, terá um serviço público municipal escolar de conformidade com as possibilidades de investimento desse município. Mas, se se nasce no município de Traipu, Alagoas, esse município ficou entre os piores no último Índice de Desenvolvimento Humano realizado pelas instituições de pesquisa em âmbito nacional, que serviço de infraestrutura e de recursos humanos serão ofertados a essa criança, que representa a realidade de 97%dos municípios das regiões norte, nordeste, centro oeste, sudeste e sul do Brasil?

Sabendo-se que cada paulistano que nasce tem um Índice de Oportunidade Humana 99,9% melhor que um Traipuense em Alagoas, os legisladores que pensaram um serviço do sistema Econômico igual para todos os cidadãos e um sistema Educacional diferenciado, na base dos investimentos para cada criança que nasce na diversidade dos municípios brasileiros, não o fizeram ao acaso nem ingenuamente, mas pensaram, organizaram e legislaram para promover na base da pirâmide social cidadãos de terceira categoria, no meio da pirâmide cidadãos de segunda, e no ápice, cidadãos de primeira categoria. A realidade social não acontece como um fenômeno natural, apresentando-se diante de nós, como numa tela de cinema ou televisão, mas antes é um dado social, pensado pelos detentores do poder político; planejado de certo modo, por esse grupo, que representa interesses específicos e ideologicamente, transformado em leis para serem impostas às massas que devem obedecê-las, como única realidade possível a todos.

Diz o senador Cristovam, "antes tarde do que nunca, se quisermos competir com o mundo, precisamos urgentemente acordar e transformar os três segmentos do sistema educacional brasileiro, municipal, estadual e federal, num único segmento de investimento, o federal; num sistema padronizado, como nos bancos do sistema econômico, oferecendo infraestrutura, recursos humanos e serviços com qualidade igual em todos os estados, em todos os 5.564 municípios brasileiros. Poder econômico o Brasil já tem para começar hoje, se quiser; falta-nos vontade política, falta-nos o uso do poder político para iniciar uma verdadeira Revolução pela Educação"!

# PAPÉIS INVERTIDOS

Lucicleide da Silva
Membro da ACALA

A sociedade atual vem passando por muitas mudanças que geram questões, e uma dessas é o que fazer com a liberdade adquirida?

Levando em consideração a existência de cláusulas que possibilita a mãe ser legalmente, assassina de seu próprio filho. O motivo: a criança portar características que não são bem aceitas nesse mundo de Top Model, onde "a beleza põe a mesa", e outra situação é também quando a criança tem que pagar com vida por ser concebida em um momento violento que sua mãe foi estuprada, como se essa retirada do feto solucionasse o problema espiritual deixado na alma daquela mulher, ao contrário, essa mulher continuará sendo a mãe daquele que ela mesma tirou a vida.

Alguém pode questionar com que direito posso tecer comentário sobre esse procedimento, se a mulher é livre em relação ao seu corpo. Acredito que não se pode infringir uma lei universal comungada por tantos seres humanos, que é não matar.

E fica a pergunta, como você se sentiria em plena consciência, no lugar daquele, incapaz de se defender, ou ligar para pedir ajuda, sendo perfurado sugado e sufocado pela única pessoa que lhe pode proteger e abrigar até o nascimento? Digo, após esse período por que não sendo possível continuar cuidando do filho poderia o destinar para alguém que o fizesse, isso no caso de estupro, caso assim desejasse, sem o assassinar. E no caso do problema de saúde do feto, não cabe a mãe resolver a situação como um assassino. Acredito que, saber o que fazer com a liberdade é usá-la sem tirá-la do outro.

Como podemos fazer movimento a favor do infanticídio para obtermos o direito de matar e jogar numa vala ou descarga, um pedaço do nosso corpo. Até onde a humanidade chegou? Será que não percebemos que mais uma vez estamos escravizados pela sociedade e seus modismos, que sutilmente nos leva a pensar, que ter liberdade é lutar contra a natureza das coisas?

Se nos reportamos para uma cena onde um assaltante, pondo uma arma em nosso ouvido, nos impedindo de falar, louco de desespero capaz de tirar a única coisa importante, a vida. E o motivo que o leva a praticar essa atrocidade, dívida, humilhação, falta de oportunidade, discriminação, uma lista de motivos, poderiam ser elencados, mas o que seria destaque é o disparo do revólver, a morte, a sequela moral, um caminho sem volta, não importa o motivo ele será punido pois a natureza das coisas não perdoará, A mesma cena, uma mulher humilhada, abandonada, violentada, sem recursos, desmoralizada, mesmo assim, cabe a ela a decisão e nenhum dos motivos prevalecerá se ela optar pela vida e acreditar que fazendo o que a natureza propõe que é levar a frente o processo até o nascimento, tudo será mais leve, menos torturante, sem crime, sem arrependimento.

Fica a esperança que cada mulher vença a hipocrisia estampada nos discursos modernistas, sem escrúpulos, que vão de encontro à vida, pois se não tivesse uma mulher para optar pela nossa vida, não estaríamos aqui.


Fone: (82) 3521-2437
Fax: (82) 3522-1912

Avenida Asa Branca, 342
Distrito Industrial Guaribas
Fone: (82) 3522-9300 - Arapiraca - AL

Matriz: Rua Prof. Domingos Rodrigues, 106 - Centro - CEP. 57300-470
Fones: (82) 521 - 3348 / 521 - 4488 - Arapiraca - AL
Filial: Rua Barão de Atalaia, 71 - Centro - CEP. 57.020-510
Fones: (82) 223 - 2869 / 223 - 2084 - Maceió - AL

# CASO SOBRENATURAL

Inez Amorim
Membro da ACALA

Capitão Colimério era um rico fazendeiro, que morava no município de Bom Conselho (PE), interior do Nordeste. Sendo ele um cidadão muito trabalhador, tocava seu rebanho assessorado pelos filhos e empregados da fazenda.

Viviam da produção de leite e alguns de seus derivados, complementando suas atividades com a agricultura em geral. Comercializavam seus produtos na região onde moravam. Como eram de boa qualidade, tudo que produziam era vendido.

Passado o período invernoso, chegava a primavera. O campo florido e o canto dos pássaros formavam um cenário repleto de beleza e alegria; tornando ainda mais harmoniosa a bicharada existente nas matas. O voo rasante dos pássaros transmitia uma sensação de liberdade e harmonia. Suas acrobacias ofereciam um espetáculo de rara beleza, completando as maravilhas naturais daquele lugar.

Numa bela manhã ensolarada, Capitão Colimério resolveu visitar um parente que morava distante e encontrava-se doente, vítima da febre amarela. Nesse período, por volta do ano de 1889, houve um surto da doença, vitimando várias pessoas.

Como de costume, sempre que precisava viajar, mandava selar seu cavalo alazão, com todos os preparativos de viagem.

Mesmo sabendo do longo caminho a percorrer, decidido e corajoso, preparou-se e partiu imediatamente. Não podia demorar-se mais, pois se tratava de um percurso distante. Porém, faria apenas uma rápida visita. Sabendo que não ia alongar-se, decidiu ir sozinho.

Enquanto viajava, contemplava o verde das matas e o colorido das flores, que ornamentavam seu caminho.

Depois de andar toda manhã, resolveu apear-se de seu cavalo, para alimentar-se e descansar um pouco. Enquanto isso, seu alazão aproveitava a pastagem à beira da estrada e também matava sua fome.

Horas depois, um pouco aliviado do cansaço, retomou seu caminho, pois ainda havia muito chão a percorrer. A estrada deserta facilitava a locomoção do seu cavalo que andava a galope.

A tarde caiu, o sol começava a declinar, fazendo desaparecer o brilho dos raios de luz. Entretanto, ele seguia sem demorar-se, pois já havia perdido muito tempo e tinha pressa de chegar.

Finalmente começava o anoitecer; aos poucos a escuridão encobria o verde das matas e o colorido das flores. O silêncio reinava absoluto. O céu, tomado pelas nuvens, tornava aquela noite ainda mais escura. O alazão andava com passos lentos, quase vencido pelo cansaço.

De repente, o animal começou a se agitar como se algo estivesse acontecendo . Empacado no meio da estrada, agitou-se ainda mais, empinando as patas dianteiras quase incontrolavelmente. Parecia perceber alguma coisa estranha, que o deixava tão inquieto e assustado. Em vão, seu proprietário tentou acalmá-lo.

Minutos depois, Capitão Colimério foi surpreendido por vozes barulhentas e estranhas que pareciam o seguir. Porém, naquela estrada deserta não havia ninguém. Na escuridão, via-se apenas o piscar dos pirilampos dando sinais de vida e o canto das cigarras embrenhadas na mata.

Preocupado com o que poderia acontecer-lhe, ele resolveu acender um candeeiro que levava em seus pertences, colocando-o sobre a cabeça. Assim, poderia enxergar melhor o caminho a percorrer.

Inesperadamente ouviu uma estranha voz a interrogar-lhe:-"Quer vir ou quer que eu vá?" Dominado pelo pavor, o capitão reuniu todas as suas forças e respondeu: "Quer vir, venha, só não venha com pantim". Aterrorizado, ele avistou um chapéu de couro vindo em direção ao candeeiro e com uma forte pancada o arremessou para bem longe.

Para seu maior espanto, o silêncio voltou a reinar, a voz que lhe falara não lhe respondia. Ouvia-se apenas a respiração ofegante de seu cavalo, que ainda muito agitado permanecia empacado no meio da estrada deserta.

Quase a ponto de desfalecer, Capitão Colimério açoitou aquele assustado animal, na tentativa de distanciar-se daquele local. Seu desejo em fugir dali, o levava quase ao desespero. Porém, o cavalo ainda muito agitado relinchava sem obedecer-lhe. Então, ele resolveu esperar um pouco, até conseguir acalmá-lo. Passados alguns minutos, retornou para a sua fazenda. Seu estado emocional não lhe permitia continuar aquela viagem.

A escuridão contribuía para tornar aquela noite ainda mais assustadora. Os minutos pareciam horas, mas, para ele o tempo já não fazia muita diferença. Seu estado psicológico era estarrecedor. Aquele acontecimento o havia deixado muito mal.

Quase ao amanhecer, finalmente conseguiu chegar a sua casa. Quando tentou apear-se, começou a desfalecer e caiu, sendo socorrido pelos seus familiares que acordaram-se com o barulho. Já em seus aposentos, após ser reanimado, voltou ao seu estado normal. Passado o susto, ele relatou todo o acontecimento, deixando todos perplexos com os fatos narrados.

Essa experiência permaneceu em sua memória, dando-lhe a certeza de que os espíritos não são frutos da imaginação. Realmente, eles existem, independentes da vontade do homem. As evidências para ele foram impressionantes, apesar da reação de temor, ao ter se assustado com o acontecimento sobrenatural.

Ao relatar com veracidade o acontecimento, capitão Colimério pôde perceber que a vida é fantástica e, por mais que a observasse, havia sempre coisas novas a descobrir.

# VINTE E CINCO ANOS ESCREVENDO HISTÓRIAS

Antonio Machado
Membro da ACALA

A história é como a saudade, liga o passado ao presente, e tem seus alicerces plantados nas muralhas do tempo, feitas pela ação do homem desde seu limiar na face da terra, até os dias atuais, nas pegadas deixadas, o homem continua sendo o maior construtor da história, isto é inegável; uns fazem a história, outros escrevem a história, daí o objetivo precípuo da ACALA; escrever a história de hoje centrada no passado para melhor se direcionar, e projeta-se no futuro como receptaria dos fatos ocorridos na sociedade. Registro prazerosamente, que aos 14 de junho de 1987, exatamente há 25 anos, nascia para o futuro a Academia Arapiraquense de Letras e Artes, ACALA; fadada ao crescimento, à cultura, ao progresso, a registrar, os fatos e os feitos dos homens e mulheres, escrevendo e fazendo história é o êmulo do tempo, repositórios dos fatos, testemunha do passado e aviso do presente, advertência do porvir.

E assim se foram 25 anos... Um quartel de século, a ACALA; saiu de seu anonimato, e projetouse no futuro, graças ao denodo e a inteligência dos seus membros, pois se nem todos possuem cursos superiores, porém seus escritos nada deixam a desejar, haja vista talento não lhes faltar nesta caminhada de 25 anos escrevendo a história informando, formando e divertindo tem sido ao mesmo tempo guardiã da língua pátria no zelo pela preservação dos valores culturais em consonância com as mudanças que o tempo requer. Não foi fácil se chegar ao topo desta jornada de 25 anos, sabemos que ocorreram muitos recuos e poucos avanços, porque tudo foi proveitoso, se nos jogaram pedras, juntamo-las na construção do futuro, não fizemos tudo e nem vamos fazer, mas fizemos o que pode ser feito, sentenciava o bem aventurado Pe. Tiago Alberiore/ "nem tudo se pode fazer, mas quando se faz aquilo que se pode, Deus vem a fazer aquilo que falta". Não podemos esquecer àqueles que tanto nos ajudaram e já estão noutra dimensão, .porém deixaram suas pegadas em escritos e no companheirismo da convivência "acaliana", que hoje é uma família. Agora quando essa entidade cultural das letras compostas pelo quadro de escritores que a compõe, garbosamente comemora seus 25 anos de atividades, mister se faz que, se promova uma assembleia junto à sociedade, onde os segmentos de várias classes possam oferecer seu contributo a ACALA; para sua nova arrancada na busca de novos horizontes e novas conquistas, porque nossos sucesso está também atávico a sociedade. Escreveu acertadamente o político Dr. Luciano Barbosa, magistralmente, Prefeito da cidade de Arapiraca que: "ao escrever a história dos homens é tão importante quanto o registro da participação dos amigos. Porque é deles muitas vezes, a narrativa de nosso sucesso". O mundo hodierno exige do homem do século XXI, a celeridade, inteligência com capacidade de discernir o joio do trigo, e os trabalhos literários que escrevemos, devem ser pautados na formação dos jovens, na orientação aos adultos e na perspectiva de um futuro promissor, este tem sido o fanal da ACALA; nos seus 25 anos de existência, o pensador romano, Terêncio, nos legou esta máxima latina: "habent sua falta libell" (os livros têm os seus destinos, os seus fadários).

# REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIA

Erady Morais Senna
Membro da ACALA

Na concepção formal, tradicional, nos padrões ocidentais, família é constituída de dois seres, de sexos diferentes e geralmente com a presença de filhos do casal, legítimos ou adotivos. Entre alguns povos orientais e africanos, existe a bigamia ou poligamia reservada apenas ao homem. No decorrer dos séculos, no entanto, com o avanço tecnológico e da ciência como um todo, surgiram novos paradigmas no que tange aos laços familiares.

Hoje, com a fertilização invitro, com o chamado "útero de aluguel" e com a existência dos bancos de esperma, o material genético pode ser manipulado de inúmeras formas. Então surgem polêmicas, como vêm sendo mostradas em telenovela da Rede Globo (quem seria a verdadeira mãe?). São questões que a bioética, a legislação de cada país, terá que enfrentar. A visão ética – religiosa, de forte reflexo na sociedade em geral, leva a calorosas discussões nos meios científicos, políticos, religiosos, e entre os cidadãos e grupos organizados.

Quiçá possamos chegar brevemente a um consenso. Mudanças, questionamentos, sempre virão. Não podemos impedir a marcha do desenvolvimento e a ciência sempre nos brindará com temas polêmicos. A algumas situações teremos que nos adequar, a outras, exercermos nossa cidadania. E daremos nossa contribuição, superando impasses.

Outra faceta do tema família é a questão dos casais homossexuais, inclusive quando se trata da adoção ou guarda de crianças, muitas vezes filhos biológicos. É um desafio para a legislação brasileira, para a sociedade tradicional, e para algumas seitas e religiões. Também existem os casais que após a separação e nova união, levam consigo os filhos da primeira (às vezes filhos de ambos os cônjuges). Então entra em cena a tolerância, o desafio aos preconceitos, a resistência ao novo.

São situações que nos levam a repensar nossos conceitos... Quem está errado? Se não concordo, devo reprimir? Ou perseguir? Creio que não temos esse direito. Seria o caso de manter a mente aberta e uma postura democrática.

O que é realmente relevante em se tratando de família? Seria o respeito, o carinho, o amor? Ou tudo isso junto, tendo por base boas doses de limite, de cidadania, de participação ativa na construção de um mundo melhor. Paremos um pouco nosso ritmo de vida frenético, para pensar.

# CONTINENTES IRMÃOS

Cárlisson Galdino
membro da ACALA

Bill Neir, ou Neir X era um tirano e isso é fato. Sua fama é antiga. Não há oposição aberta, só revoltosos, geralmente bandidos e aventureiros. Poucos dos que se expõem sobrevivem.

Bill nada teme a não ser o que não conhece. Há dois dragões em seu território, mas eles não costumam se envolver em assuntos políticos. Claro que Bill os teme, mas ainda espera um momento mais seguro para destruí-los, afinal, teria que derrotar os dois ao mesmo tempo e, puxa, são dragões!

A bandeira verde com um triângulo azul é a única que flamula nessas terras. É a bandeira de Klavor, o reinado que há séculos derrotou as outras duas nações que havia. E hoje todo o continente é chamado de Klavorini.

Duas outras bandeiras já flamularam nessas terras há séculos. Uma delas era a bandeira amarela do reino de Byuzk, outra a bandeira cinza de Jex. A investida foi brutal e os dois reinos caíram como castelos de areia diante das águas do mar.

Foram séculos de controle a mão de ferro. Exploração de minas para a fabricação de armas e exploração de riquezas. O exército de Klavoré temido, especialmente dada a arrogância dos reis que já teve, inclusive do atual.

Neir III foi o rei que planejou se lançar ao mar, em busca de mais terras a dominar. Não encontrou nada além de mar, um mar que suas embarcações não tinham capacidade de dobrar, então desistiu. E desde então o mar é um obstáculo insuperável.

Neir III foi muito feliz ao acreditar que haveria outras terras a dominar, mas ele cometeu um erro: o de não procurar com muito afinco, em todas as direções. Há pouco mais de 200 anos, um sábio filósofo chamado Iodyef descobriu diversas coisas por acidente. Uma é que havia uma força além dos deuses, capaz de ser utilizada para subjugar a natureza à sua própria vontade: a magia. Outra é que havia um selo mágico que impedia que a magia alcançasse aquela terra. Um selo já gasto e que não era difícil de ser removido. Iodyefo removeu e não revelou a ninguém mais. Em um laboratório subterrâneo na cidade de Wiafa, pesquisou bastante sobre as verdades da Vida e sobre magia. Descobriu que Klavorini não era o único lugar no mundo: havia ao menos mais um, bastante parecido quanto a costumes, mas muito diferente em geografia, um lugar que ele chamou de Klavorini Norte.

Bill Neir em seu castelo em WaxWephlie nunca soube do selo e nada mais teme. O que alguns rebeldes podem fazer contra seu imenso poder? Cada ano, dezenas são mortos das formas mais terríveis que ele encontrou e faz muito tempo que Klavorini não vê outra bandeira a não ser a sua.

Mas uma outra bandeira se aproxima. Vermelha e chumbo-arrocheado, em alto-mar, no alto de vários navios, um mar de navios. Dentro de cada um deles, marinheiros e mercenários. Todos sob comando de um só homem: Kokond.

Na praia, os poucos rebeldes que havia em Klavor se articulam silenciosamente, esperando os reforços chegarem. O sonho de um grande golpe está próximo. Jyus, jovem corajoso e líder de uma socieda-de secreta, descendente bastan-te impuro dos antigos reis de Jex, aguarda os navios.

Um acordo bastante simples: os estrangeiros trazem em seus navios um poder bélico inimaginável, capaz de derrubar Neir. Além de soldados, há magos, tipo totalmente desconhecido em Klavorini Sul. Em troca, os rebeldes ajudam de volta. Com o tempo, klavorenses aprenderão a usar magia, em troca de um fornecimento de armas de rara qualidade, especialmente machados e martelos de combate. Uma mão lava outra.

Os navios já estão bem próximos da costa neste amanhecer. Um homem de bigode fino em traje militar sorri ao tentar contar quantas pessoas os esperam na terra firme. Seus olhos brilham ao gritar para os seus homens. Ele que era e ainda é capitão da marinha apesar de tantas mudanças. Que já ajudou em um golpe re-cente e agora parte em conti-nuidade da missão, com seus homens sob seu comando. Um homem chamado KokondRaxx.

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA URGENTE!

Márcia Sousa Magalhães
Membro da ACALA

A infância é época oportuna para sonhar; e ao longo da vida, aprendemos que, por muito acreditar, é possível transformá-los em realidade. Com a maturidade propícia da idade, traçamos metas que ajudam a realizar nossos sonhos, fazendo com que outras pessoas acreditem também, que podemos realizá-los.

A partir do sonho nasce a vontade de criar uma escola onde as crianças gostassem de estar; onde pudessem ter a oportunidade de conviver com outras crianças e serem felizes, mesmo quando fossem portadoras de síndrome de Down, onde precisassem usar as mãos para se comunicar, de ter a grandiosa virtude de empur-rar uma cadeira de rodas ajudan-do a quem não pode andar...

O sonho se prolongou e a meta de formar uma geração isenta de preconceitos chegou! Como é bom aceitar os outros como eles são! Ajudar, compartilhar o meu saber com o outro. Aprendemos que "Há muito ainda a fazer para que a escola ofereça uma educação capaz de formar consciência crítica e transformadora" (Moacir Gadotti), mas não devemos desanimar e sim caminhar para fazer acontecer.

Há urgência em se construir uma nova educação que seja capaz de "civilizar" o mundo, modificar a forma de ensinar para que seja possível enfrentar os atuais desafios do planeta e o mais agravante A FALTA DE SOLIDARIEDADE em relação à natureza.

Precisamos educar as crianças para pensarem em soluções para os problemas atuais, contextualizando e envolvendo todas as áreas da educação, dando oportunidade para que sejam capazes de enxergar soluções que possam beneficiar toda a humanidade.

Vamos nos unir, de mãos dadas em cada lugar, seja em casa, na escola, na igreja, no clube e apresentar o que há de melhor em cada ambiente contribuindo para a formação da solidariedade.

Tudo está interligado e não existe fórmula pronta. Escola + sociedade + inclusão são responsáveis pela cidadania. O Brasil tem o desafio de colocar em prática a Convenção Internacional sobre os Direitos de Pessoas com Deficiência até 2014! É inegável que já existem oportunidades em vários campos, mas são impressionantes os dados apresentados pela última Relação Anual de Informações Sociais (2009) do Ministério do Trabalho e Emprego: dos 24,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência – 14% da população – apenas 0,7% são contratadas formalmente.

No mundo vivem mais de 650 milhões de pessoas com deficiência, 80% delas nos países em desenvolvimento. Metade dessa população está em território brasileiro. Cabe a nós promover, proteger e garantir os direitos universais a quem tem alguma deficiência e o respeito pela sua dignidade.

Estamos fazendo a nossa parte e já começamos a dar espaço para uma SOCIEDADE INCLUSIVA na nossa escola. Temos sim compromisso com uma minoria porque acreditamos que todas as pessoas têm o direito de contribuir com seus talentos para o bem comum. Vemos todas as pessoas como um grande capital social, isto é, produtivas, desde que tenham as mesmas oportunidades.

# ACALA NO JUBILEU DE PRATA

Judá Fernandes de Lima
1º Vice-Presidente da ACALA

1
Em vinte e quatro de junho
A fundação da ACALA
Vamos então comemorar
Com discursos e muita fala.

2
É o Jubileu de Prata
Da querida Academia
Que faz um quarto de século
Vendo as Letras todo dia.

3
Merece uma grande festa
Expressiva data da ACALA
Academia que sempre escreve
E que também não se cala.

4
Movimentos culturais
Têm suas oscilações
Expostas ao tempo e ao vento
Sofrem as suas mutações.

5
ACALA - História e Vida
Livro que veio mostrar
A criação da sociedade
E seus feitos relembrar.

6
O Informativo da ACALA
Dez anos agora já fez
Bom trabalho literário
Que tem vida, voz e vez.

7
Pois a nossa Academia
Fazendo Literatura
Está no caminho certo
Para manter a postura.

8
O nosso presidente Cláudio
Destemido timoneiro
Comanda com maestria
E segurança o veleiro.

9
Aproveito a oportunidade
Para fazer um apelo:
Frequente a nossa entidade
Tão carente do seu zelo!

10
Vamos soprar a velinha
Desta passagem vibrante
Cantando o hino da ACALA
Com o coração exultante.

11
Com alegria inusitada
Assim desejo saudar
E parabéns efusivos
E aplausos manifestar

12
Deus salve nossa Academia
E tenha um futuro promissor
Promovendo a comunidade
Mais letras com mais amor.

--------------

Doze foram as quadrinhas
Escritas com muito prazer
Para marcar solenidade
Das Letras e Artes do Saber.

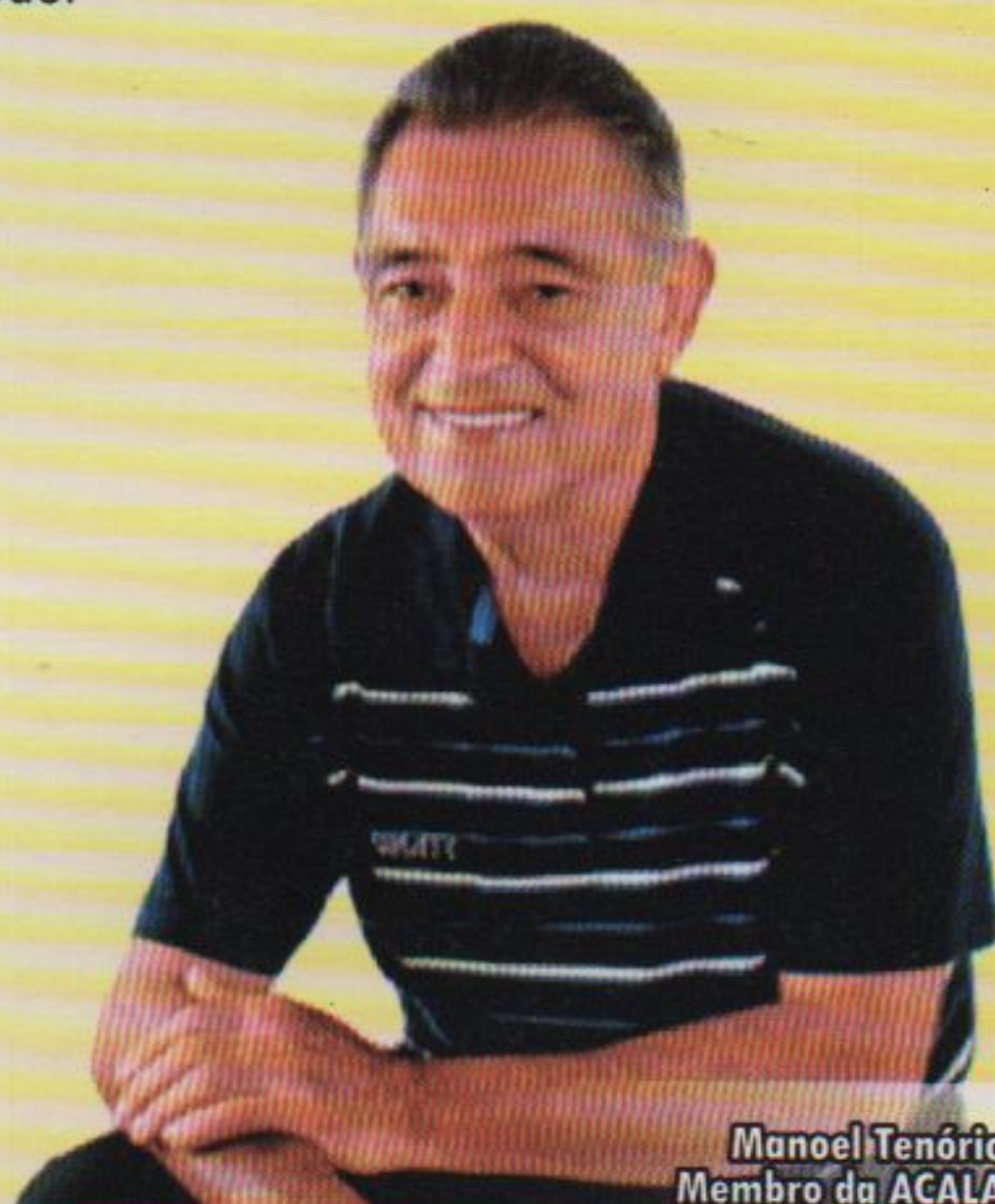
# BEM-ESTAR

A criança
Tendo natureza elevada
Sente-se feliz,
Bem humorada
Num estado de graça
Sendo admirada
A natureza da criança
Desenvolve o pensamento,
Promovendo bem estar
Com o nobre sentimento,
avivando a luz do amor
para haver contentamento
No coraçãozinho da criança
Existe algo superior
Como alegria serena e profunda,
Fruto do infinito amor,
A graça suavizante
Que faz viver de bom humor.

# REVERSO

Espero que as coisas aconteçam
Do jeito que eu quero e como sou,
Sou amante, carinhoso, sou dengoso,
Suntuoso nos momentos do amor,
Eu te amo, eu te quero, eu te venero
Só você pode tirar a minha dor
Nesta vida quem espera sempre alcança
No jogo da esperança eu serei um vencedor
Deixe-me te abraçar,
Deixe-me te rosar
Deixe-me te tocar
Onde quer que for,
Seja a minha musa
Seja a quem me usa
Não seja o reverso do que sou.

Tua beleza me fascina, me domina,
Me transforma em eterno sonhador
Sou carente, de você sou dependente
Não me canso de lutar por teu amor
Necessito ter você na minha vida
Eu preciso sentir sempre o seu calor
És a luz que ilumina o meu caminho
Caminho que nos leva ao esplendor

Deixe-me te abraçar
Deixe-me te rosar
Deixe-me te tocar
Onde quer que for,
Seja a minha musa
Seja a quem me usa
Não seja o reverso do que sou.

3522-1212
Posto Júnior
Rua Dep. Ceci Cunha, 1460 - Capiatã - Arapiraca - AL

Despertando o desejo de aprender dos alunos através de atividades lúdicas
Rua José Alexandre, 385
Baixao - Arapiraca - AL - CEP: 57305-400
(82) 3521-2051

# IMORTAL FAZ HOMENAGEM A MONSENHOR

Maria Madalena Barros de Menezes
Membro da ACALA

Neste domingo, 05 de fevereiro, a autora Maria Madalena Barros de Menezes esteve em União dos Palmares para lançar seu livro Contículos. No livro há uma homenagem ao Monsenhor Donald Robert Macgillivray. O lançamento foi na Matriz de Santa Maria Madalena.

Madalena Menezes é natural da Tanque d'Arca, mas está em Arapiraca desde 1961, onde leciona Literatura Brasileira há 35 anos pela Universidade Estadual de Alagoas. Madalena contou ao blog que não esperava lançar o livro em União, mas quando mandou um exemplar para Jacivania, ela se encarregou de providenciar o lançamento na terra de Don.

Madalena disse que conheceu Monsenhor Donald através de um padre de Arapiraca e ficou encantada com sua simplicidade e o carinho que ele tinha com todos a sua volta. Desde 1970, quando prestou vestibular para o curso de Letras da UFAL, Madalena teve contato com ele. Muitas vezes veio para os seus aniversários em União e algumas vezes ele a visitou na LUA (Lar da Universitária Alagoana).

Além de Contículos, onde homenageia e colhe alguns depoimentos sobre Don, ela é autora dos livros "Historinhas em torno de um pastor e seu rebanho", "Vidas em oferenda" e é organizadora do livro "Recado aos meus irmãos". Por sua incursão na literatura, ela faz parte da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (Acala) há dez anos.

A autora disse que ficou encantada com a recepção que teve na cidade e a admiração com que as pessoas vinham falar de Monsenhor Donald. Ela falou que muitos contaram relatos de convivências com o padre. Uma dessas histórias é do comerciante Antônio da Silva que colocou o nome do filho Donald Robert para homenagear o padre.

O arapiraquense Heder Rangel, professor de comunicação em Maceió, falou que mesmo com pouco contato com o padre, podia ver que ele era um grande homem e um ser humano maior ainda.

Quando o blog perguntou a Jacivania Rocha Gomes quem era Padre Donald para ela, a resposta foi "pai, amigo, irmão e hoje anjo da guarda". Ela disse que pensa sempre nele. Até no cheiro de rosas vem a lembrança dele, isso porque no seu aniversário Padre Don trazia um buquê de rosas para ela.

Jacivania que trabalha na Secretaria de Turismo de União nos falou que tanto ela, como as crianças da Rua Santa Maria Madalena conviviam muito com o padre, já que eram vizinhos. Ela lembra que Padre Don uma vez levou um grupo de crianças para conhecer uma prostituta que estava com AIDS e explicou que não era para ter medo, pois a doença dela não iria contaminar ninguém. Ele explicou que todos tinham que levar o amor para os lugares mais inusitados, até as aulas de catecismos ela fazia juntos com as prostitutas.

Jacivania disse que, junto com Dona Carmelita, Mila e outras pessoas, cuidou dele nos momentos em que ele mais precisou. E que todos ficavam admirados com sua força, mesmo com dores não reclamava e ainda queria confortar quem estivesse perto.

# UM ÍCONE DA HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA

Roberto Gonçalves
Membro da ACALA

Natalício Tenório Cavalcanti Albuquerque é sem sombra de dúvidas um dos mais famosos migrantes que vieram do Nordeste para a Baixada Fluminense. De infância humilde no povoado Bonifácio zona rural de Palmeira dos Índios, ao chegar no Rio de Janeiro, a cidade de Duque de Caxias era apenas um conjunto de ruas de terra batida cercadas de loteamentos pantanosos e infestados de mosquitos.

Sua ida ao Rio de Janeiro ocorre em 1926, em busca de emprego, e em um ano, após exercer diversas atividades profissionais, torna-se administrador de uma fazenda em Santa Cruz da Serra, bairro do município de Duque de Caxias, e pouco tempo depois, fiscal da Prefeitura de Nova Iguaçu.

Adquire fama e popularidade, ganhando o apelido de o "Homem da Capa Preta", envolvendo-se com a política suja da região. Ao mesmo tempo, Tenório segue seus estudos se forma em Direito pela Universidade do Brasil. Após concluir o curso superior e inicia carreira política no ano de 1936, elegendo-se para a Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu, cumprindo manda-to até a decretação do Estado Novo. Como resultado, enrique-ce e torna-se uma poderosa emblemática e polêmica figura política, criando o seu próprio sistema clientelista local.

Tenório anos depois se transforma num dos políticos mais poderosos e influentes da Baixada Fluminense. Sua marca registrada era a metralhadora, Lurdinha – presente do conterrâneo ilustre, General Góis Monteiro, que ele freqüentemente carregava ao peito, escondida sob uma indefectível capa preta. A arma, ao que se sabe, era utilizada para abater os "apoiadores" dos ou-tros líderes políticos de grande expressão da cidade.

Chamado pelos cabos eleitorais de "rei da Baixada", e pe-los adversários políticos de "deputado pistoleiro", o homem da capa preta logo virou inimigo número um da elite local. Ao longo de sua carreira, acumulou inimigos e desafetos. Tenório foi ameaçado de morte diversas vezes, sofreu atentados, mas também mandava matar quem o desafiasse.

Foi o caso do delegado paulista Albino Imparato, chamado às pressas pelos poderosos de Caxias para controlar o ímpeto populista e agressivo de Tenório. A partir da chegada de Albino, Tenório e seus aliados passaram a ser perseguidos dia e noite: sua casa foi metralhada, sua família ameaçada e alguns de seus comparsas assassinados. Acuado, Tenório reagiu. No dia 28 de agosto de 1953, Albino Imparato foi encontrado metralhado, dentro de seu carro, no Centro da cidade.

Esse estilo agressivo e corajoso de enfrentar os adversários acabou criando uma aura de mito ao redor de Tenório Cavalcanti, muito pelo fato de ser um político autodidata, desafiando a elite corrupta de Duque de Caxias. Com a volta do regime democrático, filia-se à UDN (União Democrática Nacional), em 1945, sendo eleito deputado estadual em 1947. Em 1950 foi reeleito com a quarta maior votação do estado do Rio de Janeiro, e em 1954, ano em que fundou o jornal Luta Democrática, e torna-se o candidato de maior votação do Rio de Janeiro para o cargo de Deputado Federal.

Reeleito em 1958, novamente com a maior votação de seu Estado, decide tentar o governo do recém-criado Estado da Guanabara pelo PST (Partido Social Trabalhista), terminando em terceiro lugar. Derrotado, volta para a Câmara, onde per-manece até ser cassado em 1964 pelo Regime Militar. Acredita-se que José Serra e Marcelo Cer-queira (então presidente e vice-presidente da UNE, União Nacional dos Estudantes) naquela época foram abrigados por Tenório em sua residência, conhecida como "Fortaleza de Caxias".

Nunca esqueceu suas origens e sua terra natal Palmeira dos Índios, possuía uma casa no bairro Vila Nova, visitava familiares e amigos na Serra da Mandioca, Bonifácio. Serra de São José e passeava a cavalo pelas ruas de Palmeira dos Índios. Quando chegava a Prin-cesa do Sertão era recebido com festas alegria e queima de fogos.

Após o golpe militar de 31 de março de 1964, Tenório nunca mais voltou a se destacar no cenário político nacional. O homem da capa preta morreu de pneumonia, aos 82 anos, em 5 de maio de 1987.